



REVISTA DE LITERATURA E CULTURA RUSSA

***Ecos dionisiacos em A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O diálogo implícito entre Nietzsche e Bakhtin***

---

***Dionysian Echoes in Rabelais and His World: The Implicit Dialogue between Nietzsche and Bakhtin***

Autores: Paulo Roberto Pedrozo Rocha /

Francisco Benedito Leite

Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil

Edição: RUS, Vol. 16. Nº 29

Publicação: Novembro de 2025

Recebido em: 04/05/2025

Aceito em: 23/06/2025

<https://doi.org/10.11606/issn.2317-4765.rus.2025.241265>

ROCHA, Paulo Roberto Pedrozo; LEITE, Francisco Benedito

*Ecos dionisiacos em A Cultura Popular na Idade Média e*

*no Renascimento: O diálogo implícito entre Nietzsche e Bakhtin.*

RUS, São Paulo, v. 16, n. 29, pp. 341-362, 2025



# Ecossistemas dionisíacos em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: O diálogo implícito entre Nietzsche e Bakhtin

Paulo Roberto Pedrozo Rocha\*  
Francisco Benedito Leite\*\*

**Resumo:** Este artigo investiga a presença do pensamento de Friedrich Nietzsche na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, mesmo diante da ausência quase total de referências explícitas ao filósofo prussiano. Partimos do pressuposto de que, embora silenciada pelo contexto ideológico do stalinismo, a influência nietzschiana manifesta-se de forma velada na concepção bakhtiniana do carnaval. Para tanto, examinamos quatro eixos de análise: o contexto intelectual russo das primeiras décadas do século XX, elementos biográficos de Bakhtin que favorecem a recepção de Nietzsche, as aproximações teóricas já propostas por intérpretes ocidentais e, por fim, a leitura interna da obra. Os resultados apontam que categorias centrais do pensamento nietzschiano – como o dionisíaco, o eterno retorno e a crítica às hierarquias sociais – foram reelaboradas por Bakhtin a partir de sua perspectiva sobre a cultura popular, assumindo feições comunitárias e coletivas, em contraste com o individualismo aristocrático de Nietzsche. Concluímos que a relação entre ambos não deve ser entendida como mera coincidência temática, mas como diálogo implícito e criativo, que amplia a compreensão do carnaval bakhtiniano como categoria filosófica, estética e antropológica.

**Abstract:** This article investigates the presence of Friedrich Nietzsche's thought in Mikhail Bakhtin's *Rabelais and His World*, despite the almost complete absence of explicit references to the German philosopher. We assume that, although silenced by the ideological context of Stalinism, Nietzschean influence is covertly manifested in Bakhtin's conception of carnival. To this end, we examine four analytical axes: the Russian intellectual context of the early twentieth century, biographical elements of Bakhtin that favored the reception of Nietzsche, theoretical connections already suggested by Western interpreters, and finally, the internal reading of the work itself. The results indicate that central categories of Nietzschean thought—such as the Dionysian, the eternal return, and the critique of social hierarchies—were reworked by Bakhtin from the perspective of popular culture, taking on communal and collective features in contrast to Nietzsche's aristocratic individualism. We conclude that the relation between the two thinkers should not be understood as mere thematic coincidence, but as an implicit and creative dialogue that broadens the understanding of Bakhtin's carnival as a philosophical, aesthetic, and anthropological category.

**Palavras-chave:** Bakhtin; Nietzsche; Carnaval; Dionisíaco; Cultura popular  
**Keywords:** Bakhtin; Nietzsche; Carnival; Dionysian; Popular culture

## Introdução

**T**endo elegido o carnaval como procedimento hermenêutico para a compreensão das formas de riso, corporalidade e subversão social na cultura ocidental, a obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, constituiu-se como uma interpretação significativamente original. Embora esse livro não mencione diretamente Friedrich Nietzsche, podemos perceber, por meio de uma leitura comparativa atenta, que seu pensamento atravessa a reflexão bakhtiniana.

O fato de Nietzsche não ter sido citado pode ser explicado pelo contexto histórico em que Bakhtin viveu e produziu sua obra. A União Soviética, sob o regime stalinista, impôs um rígido controle ideológico à produção acadêmica, e pensadores supostamente associados à expressão do pensamento burguês, como Nietzsche, eram rejeitados e até proibidos. Nesse cenário, tanto a omissão de referências, quanto o recurso das alusões ou menções cifradas tornou-se uma estratégia para a sobrevivência dos intelectuais nesse ambiente.

Mesmo assim, observamos que categorias centrais do pensamento nietzschiano – como o dionisiaco, o eterno retorno e a crítica às hierarquias sociais e à metafísica –, reelaboradas em termos coletivos e populares, são perceptíveis na obra de Bakhtin. Se Nietzsche celebrou a dimensão trágica e aristocrática da vida, Bakhtin traduziu esses elementos, vertendo-os

\* Doutor, Mestre e Bacharel em Filosofia pela Universidade de São Paulo. <http://lattes.cnpq.br/0932203074696609>; <https://orcid.org/0000-0002-9116-6764>; [philia\\_pr@yahoo.com.br](mailto:philia_pr@yahoo.com.br)

\*\* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo e em Ciência da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. Bacharel em Letras pela Universidade de São Paulo e em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. <http://lattes.cnpq.br/4792902780559384>; <https://orcid.org/0000-0002-7295-6285>; [ethnosfran@hotmail.com](mailto:ethnosfran@hotmail.com).

para a linguagem do universo da festa, do grotesco e da cultura popular.

A aproximação entre ambos, portanto, não deve ser entendida como um paralelismo meramente temático, mas como um diálogo implícito e criativo. A análise comparada de suas obras revela tanto convergências quanto tensões, mas sobretudo indica que Bakhtin soube ressignificar Nietzsche a partir de sua própria realidade histórico-cultural.

Neste artigo, propomos examinar a presença do pensamento nietzschiano em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* por meio de quatro procedimentos: verificação do contexto intelectual russo do início do século XX; revisão sobre alguns aspectos biográficos de Bakhtin; aproximações teóricas sugeridas por diferentes intérpretes de Bakhtin; e, por fim, leitura e verificação do tema na obra discutida. Com isso, buscamos contribuir para uma compreensão mais ampla das conexões entre esses dois pensadores e para a valorização do carnaval bakhtiniano como categoria filosófica, estética e antropológica.

## 1. A presença de correntes filosóficas alemãs em Bakhtin

No presente ensaio, nossa abordagem se realiza em torno da discussão sobre a possibilidade de relação entre o pensamento de Mikhail Mikháilovich Bakhtin e Friedrich Nietzsche na obra *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*.<sup>1</sup> Partimos do pressuposto de que, mesmo sem nunca ter sido citado nesse livro, o pensamento de Nietzsche é fundamental para a obra mencionada.

Há motivos suficientemente evidentes para justificar porque Bakhtin não citou Nietzsche nenhuma vez, apesar de ter se baseado em sua obra. Estamos nos referindo à política de controle ideológico imposta na União Soviética no período stalinista, que proibia o acesso a expressões culturais e

---

<sup>1</sup> Bakhtin, 2010.

intelectuais consideradas burguesas e cosmopolitas. Trata-se do “Realismo Socialista”,<sup>2</sup> que exigiu que pensadores e acadêmicos utilizassem estratégias de ocultamento de suas referências bibliográficas para garantir a própria sobrevivência.

Autores como Craig Brandist,<sup>3</sup> Brian Poole<sup>4</sup> e Anthony Wall<sup>5</sup> indicaram uma variedade de autores cujos pensamentos se fazem presentes nos livros de Bakhtin, apesar de não terem sido citados. Destaca-se a importância fundamental de Ernst Cassirer em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, indicada por esses pensadores, embora não conste nenhuma referência clara a ele no texto de Bakhtin.

Com base nesses autores, reconhecemos que há outras obras, além da de Cassirer, igualmente ou mais importantes para a fundamentação teórica de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Podemos mencionar, por exemplo, *A Cultura do Renascimento na Itália*, de Jakob Burckhardt,<sup>6</sup> os dois volumes de *A história da autobiografia na Antiguidade*, de Georg Misch,<sup>7</sup> e o texto “O que é progresso?”, de Nicolau Konstantinovitch Mikháilovski.<sup>8</sup> No entanto, indicamos que o pensamento de Nietzsche também está presente entre essa variedade de autores e, embora não tenha sido reivindicado com tanta frequência, também é significativamente importante para a compreensão do livro de Bakhtin.

Além disso, é bom esclarecer que a afirmação sobre a relevância da filosofia alemã para a obra de Bakhtin não significa que ignoramos a importância que tiveram tantos autores soviéticos, como é o caso do já mencionado Mikháilovski, mas,

---

2 Clark, 2001, p.174-183.

3 Brandist, 1997.

4 Poole, 1998, p.537-579.

5 Wall, 2010, p.9-28.

6 Burckhardt, 2009.

7 Misch, 2019, 1998.

8 Mikháilovski, 1982.

além dele, Nikolas Marr,<sup>9</sup> Gustav Shpet,<sup>10</sup> Peter Lavrov<sup>11</sup> e vários outros, sobretudo os que estavam relacionados com o estudo do Folclore russo.

Brandist, Poole e Wall indicaram que as principais correntes da filosofia alemã eram rejeitadas pelo Realismo Socialista e por isso não eram bem-vindas no contexto acadêmico da União Soviética por serem consideradas expressão de pensamento burguês. Apesar dessa rejeição, Frederick Copleston<sup>12</sup> e Lesley Chamberlain<sup>13</sup> afirmam que foi o pensamento alemão, em suas diversas manifestações, que exerceu a influência mais determinante sobre a cultura russa no aspecto filosófico.

Conforme mencionado, na União Soviética, no período stalinista, havia uma rejeição a correntes filosóficas como Romantismo, Idealismo e Fenomenologia por serem consideradas expressões do pensamento burguês. Nesse caso, tanto mais hostil era o tratamento dado à obra do pensador Friedrich Nietzsche, que era abertamente aristocrático. Logo, a omissão de citações, referências e alusões à obra do pensador é facilmente justificada, conquanto a utilização das demais filosofias já eram omitidas em muitos casos. Ainda mais decisiva, nesse aspecto, foi a proibição da leitura e a retirada das obras de Nietzsche das bibliotecas da União Soviética sob o regime bolchevique.<sup>14</sup>

Assim, parece perfeitamente compreensível que um estudioso da época, como era o caso de Bakhtin, que supostamente buscava remissão da acusação de cosmopolitismo, não fosse se arriscar a citar certos filósofos, entre os quais certamente estaria o nome de Nietzsche. Mas, além do risco que se corria em pronunciar o nome desse filósofo, Mazour-Matusevich acrescenta que havia falta de reconhecimento com a dívida teórica que se tinha com Nietzsche no contexto da União Soviética.

---

9 Cf. Brandist, Craig, 2005..

10 Cf. Ponzio, 2008.

11 Cf. Brandist, 2012.

12 Copleston, 2024.

13 Chamberlain, 2022.

14 Mazour-Matusevich, 2009.

Pode-se dizer, portanto, com base nos trabalhos de Brandist, Poole e Wall, que já ficaram evidentes os usos velados que Bakhtin fez de vários filósofos alemães em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. No entanto, a discussão sobre o uso que Bakhtin fez de um autor em particular, Friedrich Nietzsche, nesse mesmo livro, ainda não chegou no mesmo nível de aceitação. Isso ocorre porque, de certo ponto de vista, as perspectivas de Nietzsche e Bakhtin são antagônicas. Enquanto um enfatiza o individualismo, o outro, a coletividade; um valoriza a aristocracia, o outro, o povo; um celebra os valores elevados, enquanto o outro, a cultura popular.

A princípio, propor uma relação entre Nietzsche e Bakhtin pode soar como associar o insociável, mas uma leitura comparada das obras dos dois autores, feita com rigor e o conhecimento do contexto intelectual russo e soviético durante as primeiras décadas do século XX, pode oferecer compreensões diferentes sobre a relação existente entre essas obras.

## **2. Presença do pensamento de Nietzsche em Bakhtin**

Procederemos de três modos para propor a relação existente entre o pensamento de Nietzsche e *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Bakhtin. Primeiro, a partir da apresentação do contexto intelectual russo no começo do século XX; segundo, com base em informações biográficas do autor, todavia inseridas no contexto intelectual russo do século XX; e terceiro, apontando a relação teórica entre os intelectuais; e por fim, verificando a referida relação entre os pensadores a partir da interpretação da obra.

### **2.1. Nietzsche no contexto intelectual russo no início do século XX**

No artigo “Nietzsche’s influence on Bakhtin’s Aesthetics of Grotesque Realism”, Yelena Mazour-Matusevich informa sobre o status de Nietzsche no contexto intelectual russo nas

primeiras décadas do século XX. Tamanha era a importância de Nietzsche, que a estudiosa chega a falar em “onipresença de Nietzsche na vida cultural russa”.<sup>15</sup>

A afirmação realizada por Mazour-Matusevich é justificada com base no interesse que tinham em Nietzsche tanto os intelectuais mais reconhecidos da época quanto as apropriações do pensamento nietzschiano que eram realizadas em círculos não acadêmicos, por pessoas que não eram filósofos profissionais.

Quanto aos primeiros, podemos mencionar os nomes de Alexander Block, Viacheslav Ivanov, Andrei Bely, Serguei Bulgakov – para citar apenas os mais conhecidos no Ocidente – que foram chamados de geração de prata. Entre os círculos não acadêmicos, a autora menciona “híbridos estranhos”, que abordavam e interpretavam as ideias de Nietzsche a seu próprio modo, manipulando quando necessário e abandonando ou ignorando o restante de seu pensamento.

Caryl Emerson explicou que, no contexto da União Soviética em que Bakhtin viveu, “O nietzscheísmo coexiste com um renascimento cristão peculiarmente russo e comunalista”.<sup>16</sup> Ainda que em outro texto de sua autoria tenha expressado também que no carnaval bakhtiniano “[...] não há nenhum traço daquele elemento impessoal, violento e maniaco associado a algumas variantes nietzschianas do impulso dionisíaco”.<sup>17</sup>

Além disso, Emerson explica a importância de Nietzsche para o carnaval de Bakhtin a partir de uma complexa teoria que o constitui como um filósofo humanista da religião:

Para ter certeza, Bakhtin não é todo de uma só peça. Durante seu período de carnaval, ele parece ter se reconectado ao corpo dionisíaco coletivo extático, àquele aspecto da Ideia Russa que tanto inspirou alguns dos eslavófilos na década de 1840, os simbolistas na virada do século e os folcloristas socialistas-realistas na década de 1930 stalinista. Mas em ambos os lados desse período de carnaval utópico,

---

<sup>15</sup> *Idem*, p.2.

<sup>16</sup> Emerson, 1990, p.111.

<sup>17</sup> Emerson, (s/d), p.104.

Bakhtin se qualifica como um filósofo humanista da religião que revisou tanto quanto endossou na fé de sua infeliz pátria.<sup>18</sup>

Veja que a autora compreende que o dionisismo é a origem da inspiração de várias expressões culturais que foram determinantes para Bakhtin, como é o caso, por exemplo, do eslavofilismo, simbolismo e folclorismo. Esse ecletismo proporcionou a Bakhtin o surgimento do carnaval, que, em certo aspecto, pode ser compreendido como conceito de filosofia da religião.

De acordo com Mazour-Matusevich, as diferentes formas como se apropriavam do pensamento de Nietzsche proporcionou compreensões significativamente distintas de sua obra na Rússia. Como, por exemplo, na leitura do Zaratustra, que por um lado era entendida de uma perspectiva individualista, e por outro, com base na mesma leitura, era compreendida como a perda de si na coletividade com base no êxtase dionisíaco.

O exemplo dado pela estudiosa que me pareceu mais curioso, entre as leituras distintas – às vezes opostas – feitas sobre a obra de Nietzsche na Rússia antes da revolução, foi a valorização do paganismo inspirado no filósofo, que segundo Sapronov tinha mais a ver com a Rússia do que o cristianismo ortodoxo. Em contraposição a essa leitura, Nikolai Berdiaev associou o conceito teológico da *sobornost* ao pensamento de Nietzsche. Esse é um complexo termo da teologia ortodoxa russa que se refere – para dizer muito abreviadamente – à conciliaridade, à comunhão orgânica. Embora esse termo tenha sido relacionado com Nietzsche, Vladimir Soloviev, que foi um dos principais intelectuais a discutirem o conceito, era abertamente crítico ao nietzschianismo.

## 2.2. Nietzsche na biografia de Bakhtin

Katerina Clark e Michael Holquist<sup>19</sup> são os autores da primeira biografia intelectual de Bakhtin, que foi alvo de muitas

---

18 Emerson, 1990, p.125.

19 Clark; Holquist, 2004.

críticas desde os anos que se seguiram à sua publicação, por isso utilizamos essa obra com certa cautela. No entanto, a afirmação quanto à importância do filólogo Tadeusz Zielínski para a formação intelectual de Bakhtin parece razoavelmente confiável, ainda que tenhamos que ler criticamente a afirmação sobre a proximidade de Bakhtin com este professor.

Nesse caso, importa-nos dizer que o polonês Tadeusz Zielínski (Skrzypczyńce, 1859 – 1944, Schondorf am Ammersee [Alemanha]) foi um eminente filólogo nietzschiano, professor na Universidade de Petrogrado. Suas traduções das tragédias gregas para a língua russa e seus trabalhos sobre cultura clássica trouxeram-lhe grande prestígio, inclusive internacional, e até hoje são uma referência para a sua área de estudo.

Clark e Holquist afirmam que Zielínski foi mentor de Bakhtin e apresentam uma relação muito próxima entre os dois. Independentemente da veracidade dessas afirmações, o simples fato da existência de um professor nietzschiano de estudos clássicos dessa envergadura na contemporaneidade de Bakhtin (fato historicamente atestado) é suficiente para ter exercido influência significativa sobre o pensador russo mesmo que o contato tenha sido indireto, isto é, apenas por meio da leitura de seus livros.

Não ignoremos que, se, por um lado, resta dúvida quanto a Zielínski ter sido, de fato, professor de Mikhail Bakhtin, não resta nenhuma dúvida quanto ao fato de ele ter sido professor de seu irmão Nikolai Bakhtin, que posteriormente foi docente universitário em Birmingham, Inglaterra.

Como mencionado, depois da revolução, as obras de Nietzsche foram retiradas das bibliotecas e sua leitura foi proibida, mas um autor cujas ideias circularam tanto no contexto cultural russo não pôde ser suprimido de modo tão compulsivo. Os círculos não acadêmicos, como os que discutiam Nietzsche, continuaram a existir, em alguns casos, como grupos secretos. Embora não haja evidência, é razoável que Bakhtin tenha discutido a obra nietzscheana com frequência em círculos intelectuais marginais, uma vez que se reconhece que ele foi atuante nesses grupos filosóficos e filosófico-religiosos ao longo de sua vida.

### 2.3. Relação teórica entre Nietzsche e Bakhtin

Não foram poucos os estudiosos que relacionaram os pensamentos de Nietzsche e Bakhtin com base em intuição ou pela semelhança de temas, ainda que a relação proposta não tenha sido contextualizada historicamente. Desde o contexto da União Soviética até a nossa contemporaneidade, há uma variedade de correlações teóricas propostas entre os dois pensadores.

Dada nossa dificuldade em acessar materiais em língua russa, restringimo-nos a abordar a relação entre Nietzsche e Bakhtin no Ocidente, mas de acordo com o artigo de Mazour-Matusevich,<sup>20</sup> Vadim Kozhinov e Serguei Bocharov, que estão entre os primeiros a discutir a obra de Bakhtin, e que fizeram comparações discretas entre sua reflexão teórica e Nietzsche.

Quanto à relação entre Nietzsche e Bakhtin percebida em estudos produzidos no Ocidente, podemos começar por Julia Kristeva, que afirmou:

O dionisismo nietzschiano seria comparável ao cinismo dessa cena carnavalesca que destrói um deus para impor leis dialógicas. Tendo exteriorizado a estrutura da produtividade literária refletida, o carnaval inevitavelmente traz à tona o inconsciente que subentende essa estrutura: o sexo e a morte.<sup>21</sup>

Apesar das dificuldades para situar essas afirmações dentro do pensamento de Bakhtin, o excerto citado de Kristeva<sup>22</sup> é importante porque mostra que uma das primeiras interpretações do intelectual russo para o Ocidente já percebia a proximidade entre o dionisismo nietzschiano e o carnaval bakhtiniano.

Eleazar Mielietinski, em *A Poética do Mito*,<sup>23</sup> fez uma comparação sucinta entre a dicotomia presente tanto na teoria da cultura nietzschiana quanto na bakhtiniana. Apesar de breve, essa comparação destaca aspectos importantes que podem

---

20 Mazour-Matusevich, 2009.

21 Kristeva, 2012, p.156.

22 *Idem*.

23 Mielietinski, 1987.

não ter sido expandidos pelo fato de que esse autor também escreveu durante o período stalinista.

Robert Stam,<sup>24</sup> que foi outro intérprete da obra de Bakhtin, também fez questão de comparar o pensador russo com o filólogo prussiano. No entanto, ele fez questão de apontar as semelhanças e as diferenças entre as teorias de ambos, dionisismo e carnaval. Assim, aponta que as teorias de ambos os pensadores se assemelham por causa das características de ritual e catarse que as fazem funcionar como válvula de escape. Mas, em seguida, opõe o individualismo de um ao igualitarismo de outro, o interesse pelo superior e pelo trágico contra o interesse pelo popular e pelo cômico, e conclui afirmando: “Em suma, Bakhtin não compartilha o elitismo consumado de Nietzsche”.<sup>25</sup>

Em “O carnaval como mito”, Francisco Leite<sup>26</sup> compara excertos de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Bakhtin, “A visão dionisíaca do mundo”, de Nietzsche, e “Mefistófeles e o Andrógino”, do historiador das religiões Mircea Eliade.<sup>27</sup> A comparação não foi acompanhada por uma contextualização histórica, pois a proposta pretendia apontar diferentes teorias do carnaval, ou seja, diversas compreensões sobre o fenômeno do carnaval, mesmo que não tivessem relações imediatas.

Mazour-Matusevich informa que a ideia de seu estudo sobre a relação entre Nietzsche e Bakhtin surgiu de um reconhecimento intuitivo de ‘melodias nietzschianas’ nos escritos de Bakhtin, em particular em *Rabelais e seu Mundo*.<sup>28</sup> A estudiosa cita vários trechos da obra de Nietzsche e compara com um excerto da obra de Bakhtin. Os paralelos apontados por Mazour-Matusevich são *instigantes para* a sua proposta, que,

---

24 Stam, 1992.

25 *Idem*, p.46.

26 Leite, 2018, p.13-34.

27 Eliade, 1999.

28 Mazour-Matusevich, 2009, p.2. Observe que *Rabelais e seu Mundo* [*Rabelais and his World*] é o título que *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento* recebeu em inglês.

só depois de fazer as comparações, procede com a contextualização de Nietzsche no ambiente intelectual russo e soviético.

Conforme aponta Mazour-Matusevich, a proximidade entre as obras de Nietzsche e Bakhtin pode ser percebida a partir de sua afinidade temática:

Os temas do Quarto Livro [de Zaratustra] são muito semelhantes aos descritos por Bakhtin (a realização de uma grande refeição; paródia de festivais religiosos, muitas vezes centrados na adoração de um asno; uma competição de canções; a inversão de papéis hierárquicos; o cumprimento da profecia; canto cômico; humor físico e a ênfase na sexualidade; e uma ênfase no estrato inferior do corpo, especialmente nas partes que se abrem ou se projetam para o mundo).<sup>29</sup>

Em *Materialismo*, Terry Eagleton também faz uma discreta comparação entre Nietzsche e Bakhtin ao afirmar: “Existem antifilósofos extravagantes, que acham que sua missão é depreciar a autoimportância pomposa do pensamento, envergonhando-o com o volume grosseiro do corpo (Nietzsche, Mikhail Bakhtin)”.<sup>30</sup>

No entanto, mais importante que isso é o conceito “materialismo somático”, proposto por Eagleton<sup>31</sup> para abordar a teoria de vários pensadores de diversas épocas, ambientes e perspectivas significativamente diferentes. Tamanha é a abrangência do conceito que nele estão inclusos Nietzsche e Marx, pois, apesar do antagonismo existente entre esses pensadores em certos aspectos amplamente reconhecidos, ambos compartilham a perspectiva materialista perceptível no conhecimento prático e baseada no corpo, desconfiança dos consolos do idealismo, compartilhamento de perspectivas historicistas e rejeição à religião instituída.

Mesmo que Bakhtin não tenha sido citado na parte do livro em que Eagleton apresenta as expressões de “materialismo somático”, parece certo que esse conceito é perfeitamente convergente com o pensamento de Bakhtin, sobretudo em A

---

<sup>29</sup> *Idem*, p.2

<sup>30</sup> Eagleton, 2023, p.92.

<sup>31</sup> *Idem*.

*Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Em sua tese de doutorado, Francisco Leite se propôs a apresentar as expressões do “materialismo somático” na referida obra de Bakhtin, tendo assim demonstrado sua aplicabilidade.

Desse modo, observa-se, pelo menos, que tanto Nietzsche quanto Bakhtin refletem sobre a corporeidade, ambos apontam o abandono dos antigos mitos e rituais como causa da alienação ou decadência da humanidade e ambos apresentam a comicidade, como se pode ver no quarto capítulo de *Assim falou Zaratustra*, na paródia que se faz da crença religiosa.

#### **2.4. Relação entre Nietzsche e Bakhtin em *A Cultura Popular*...**

Em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, o nome de Nietzsche surge apenas em uma nota de rodapé, numa referência ao livro de Beda Alleman, *Ironia e Poesia*,<sup>32</sup> que analisa as formas do riso em diversos autores, incluindo Nietzsche. Ainda assim, é plausível interpretar que certas referências de Bakhtin a Heráclito possam ser, na verdade, alusões indiretas ao filólogo prussiano, que exaltou o pré-socrático em sua obra *Ecce Homo*.<sup>33</sup>

Um exemplo significativo dessa possível alusão está logo no início do terceiro capítulo do livro de Bakhtin, cuja epígrafe é composta por três linhas atribuídas a Heráclito de Éfeso: “O tempo é uma criança que brinca e move os peões. Ele sempre tem a supremacia”. Independentemente das diversas interpretações possíveis para esse fragmento heraclítico, o conceito de tempo – sujeito dessa sentença – torna-se um eixo temático recorrente ao longo do capítulo da obra de Bakhtin.

Essa escolha da epígrafe parece estar alinhada ao conteúdo do capítulo III, mas não se limita a ele. Em “As formas e imagens da festa popular na obra de Rabelais”, é possível perceber que o pensamento de Friedrich Nietzsche perpassa o texto, ainda que de maneira implícita. Heráclito, nesse contexto,

---

32 Não tive acesso a essa obra. Apenas a menciono porque está no livro de Bakhtin.

33 Nietzsche, 2008.

pode ser entendido como uma chave de leitura esopiana, especialmente considerando que Nietzsche era persona *non grata* durante o regime stalinista na União Soviética. Desse modo, Bakhtin só poderia fazer menção ao filósofo de maneira cifrada, por isso recorreu a um de seus pensadores favoritos da Antiguidade.

Tendo isso em mente, a afinidade existente entre o “eterno retorno heraclitiano”, que é tão valorizado por Nietzsche em *Ecce Homo*, e o conceito de “tempo alegre” de Bakhtin não deve ocorrer por mera coincidência. Antes estão diretamente relacionados, porque Bakhtin se fundamentou em Nietzsche.

Assim, quando Bakhtin escolhe um fragmento de Heráclito como epígrafe, ele parece dialogar com o eterno retorno nietzschiano.<sup>34</sup> Dessa forma, a visão linear, progressiva e teleológica da história – típica de historiadores alemães como Burckhardt e Misch<sup>35</sup> – é, ao menos nesse ponto, substituída por uma perspectiva cíclica.

Essa concepção é reforçada pela cosmovisão carnavalesca que Bakhtin apresenta. O carnaval, que opera por meio da linguagem mítica, suspende a percepção fragmentada que os modernos têm do tempo, dando lugar ao eterno retorno de caráter heraclitiano-nietzschiano, no qual a realidade se repete de forma contínua e invariável.

Bakhtin descreve o “tempo alegre” como aquele dos banquetes, da abundância de comida e bebida, da corporalidade exaltada e das festividades – definido sobretudo pelo carnaval. É esse o tempo que vale a pena ser vivido eternamente. Esse “tempo alegre” representa também a vivência comunitária, manifestada em experiências coletivas como a *artel*,<sup>36</sup> que resgata, ainda que brevemente, a experiência da comunidade primitiva.

A escatologia apresentada por Bakhtin está alicerçada em fundamentos materialistas, por isso não assume uma estrutura

---

34 Misch, 2019; 1998.

35 Misch, 2019; 1998.

36 *Artel* é um tipo de associação cooperativa que existia na Rússia pelo menos desde o Medievo.

dualista, como a do cristianismo ocidental que aguarda a futura irrupção do Reino de Deus no mundo material. Ao contrário disso, ela se concretiza nas raras, mas tangíveis, manifestações de vida comunitária. Embora efêmeros, esses momentos são reveladores de uma existência plena, que vale a pena ser vivida – não no sentido socrático, mas no sentido do eterno retorno de Nietzsche, uma ideia que Bakhtin incorpora por meio do conceito de “tempo alegre”.

Além da epígrafe mencionada, há pelo menos duas referências indiretas em Bakhtin que se conectam a mitos dionisíacos, usados para ilustrar os efeitos da obra de Rabelais. Uma delas menciona a “transformação do sangue em vinho”,<sup>37</sup> a outra remete à morte por esquartejamento de Penteu.<sup>38</sup>

Outros trechos também contêm referências simbólicas que evocam rituais agrários ligados a Dioniso/Baco. Esses mitos, centrados em processos de transformação, esquartejamento e deglutição, bem como em morte e renascimento, são todos temas recorrentes em Nietzsche, pois estão relacionados com mitos de Dioniso.

Ao longo de *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, Bakhtin também menciona repetidamente as saturnais romanas, que têm vínculos diretos com os festejos dionisíacos, mesmo considerando as transformações que sofreram após o período helenístico. Assim, embora Nietzsche nunca seja citado diretamente, a presença simbólica de Dioniso – figura central em sua filosofia – é evidente na obra de Bakhtin.

Frente à crítica de que a visão elitista de Nietzsche poderia conflitar com a perspectiva socialista presente em Bakhtin, é possível argumentar que tal leitura não se sustenta em todos os textos do pensador prussiano. *A Visão Dionisíaca do Mundo*,<sup>39</sup> por exemplo, oferece interpretações mais compatíveis com a abordagem bakhtiniana. Mesmo obras como *Assim falou Zaratustra*, se lidas em nível narrativo, permitem

---

37 Bakhtin, 2010, p.182.

38 *Idem*, p.233.

39 Nietzsche, 2005.

aproximações interpretativas coerentes com o pensamento de Bakhtin, tendo destaque, sobretudo, o quarto capítulo do livro, no qual há uma paródia da religião, como apontou Mazour-Matusevich.

Um paralelo particularmente notável entre os dois autores se dá quando observamos as descrições das festas dionisíacas por Nietzsche, que se assemelham fortemente às festas carnavalescas descritas por Bakhtin:

As festas de Dioniso não firmam apenas a ligação entre os homens, elas também reconciliam homem e natureza. Voluntariamente a terra traz os seus dons, as bestas mais selvagens aproximam-se pacificamente: coroados de flores, o carro de Dioniso é puxado por panteras e tigres. Todas as delimitações e separações de casta que a necessidade (Not) e o arbítrio estabeleceram entre os homens, desaparecem: o escravo é homem livre, o nobre e o de baixa extração unem-se no mesmo coro báquico... [...] O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte [...] Este homem, conformado pelo artista Dioniso, está para a natureza assim como a estátua está para o artista apolíneo.<sup>40</sup>

A relação entre os dois textos torna-se evidente. Tanto as festas dionisíacas, segundo Nietzsche, quanto as saturnais que Bakhtin aponta como matriz do carnaval estão vinculadas a rituais agrários. Mais do que a historicidade dessas festividades, o que importa a ambos são os significados simbólicos expressos nas descrições.

Isso também pode ser visto nas palavras de Bakhtin:

Na realidade, a função do grotesco é liberar o homem das formas de necessidade inumana em que se baseiam as idéias (sic.) dominantes sobre o mundo [...] O riso e a visão carnavalesca do mundo, que estão na base do grotesco, destroem a seriedade unilateral [...] e liberam a consciência [...] Daí que uma certa 'carnavalização' da consciência precede e prepara sempre as grandes transformações, mesmo no domínio científico.<sup>41</sup>

---

40 Nietzsche, 2005, p.9.

41 Bakhtin, 2010, p.43.

E ainda: “Toda hierarquia é abolida no mundo do carnaval. Todas as camadas sociais, todas as idades são iguais”.<sup>42</sup>

Esses excertos mostram que, para ambos os pensadores, tanto o grotesco carnavalesco quanto as festas dionisíacas promovem uma liberação das estruturas hierárquicas e das ideias metafísicas. O conceito de necessidade – social e ontológica – é desfeito em ambos os casos. Enquanto Nietzsche afirma que “desaparecem o escravo e o homem livre, o nobre e o de baixa extração”, Bakhtin afirma que “toda hierarquia é abolida no carnaval” – declarações equivalentes em significado.

Segundo Nietzsche, a celebração dionisíaca tem o poder de restaurar a harmonia entre os indivíduos e entre estes e a natureza, ao passo que dissolve fronteiras sociais, como as divisões em casta, bem como quaisquer outras formas de hierarquização existentes na sociedade. A fusão entre participante e celebração é tão intensa que, como o próprio Nietzsche afirma, o artista se transforma na própria arte.

No contexto soviético, para evitar possíveis repercussões associadas à citação de um autor indesejado pelo regime, Bakhtin optou por estabelecer uma distinção clara entre o carnaval e a arte. Paradoxalmente, essa negação explícita da natureza artística do carnaval parece indicar, ainda mais fortemente, que ele buscava encobrir sua fonte. Afinal, nem a tragédia grega nem os rituais religiosos antigos podem ser considerados ‘arte’ no sentido estrito do termo.

Dado o escopo limitado de fontes disponíveis a Bakhtin e os métodos utilizados em sua pesquisa, é possível concluir, a partir da descrição dos carnavais em sua obra, que sua leitura de Nietzsche foi fragmentária e pontual, e não uma apropriação sistemática.

Em vez de adotar uma interpretação filosófica mais ampla, Bakhtin seleciona aspectos específicos de Nietzsche, alinhados com uma abordagem de caráter fisiológico. Como explica Bruno Nepomuceno: “Nietzsche rompe com o dionisismo da estética do sublime e assume uma perspectiva de Dioniso como a força propulsora e criativa da existência e da afirmação

---

42 *Idem*, p.219.

da vida sensível, da abundância de vida, mesmo não isenta de sofrimentos”.<sup>43</sup> Dessa forma, Bakhtin incorpora elementos da filosofia nietzschiana de maneira indireta e pouco ortodoxa, omitindo, inclusive, a menção direta ao nome do filósofo.

É possível que Bakhtin tenha tido acesso às obras de Nietzsche e, impossibilitado de citá-lo diretamente, tenha invertido o método filológico: ao invés de extrair sentidos a partir das fontes, ele teria projetado sobre elas as interpretações já elaboradas por Nietzsche – um procedimento que, ironicamente, poderíamos chamar de ‘eisegese’.

A relação entre o carnaval de Bakhtin e a filosofia de Nietzsche ainda é pouco explorada pelos estudiosos do autor russo por causa da dificuldade em situar a influência de um sobre o outro, tendo em vista que Bakhtin omitiu referências e citações por causa da censura soviética. Mas, como indicamos, a percepção sobre a conexão entre esses dois filólogos não é uma descoberta recente e se evidencia de várias maneiras.

## Considerações finais

A análise da presença do pensamento de Friedrich Nietzsche em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail Bakhtin, permite perceber como determinadas categorias nietzschianas – sobretudo as ligadas ao dionisíaco, ao eterno retorno e à crítica às hierarquias – encontram ressonância na concepção bakhtiniana do carnaval e do tempo alegre. Ainda que o nome de Nietzsche quase não apareça no texto de Bakhtin, a comparação mostra que sua influência, ainda que velada, é real e significativa.

As restrições impostas pelo contexto soviético explicam em grande medida a ausência de referências explícitas, mas não eliminam a possibilidade de diálogo entre os dois pensadores. Pelo contrário, a leitura cuidadosa da obra de Bakhtin, cotejada com Nietzsche, indica uma apropriação seletiva e criativa de conceitos, adequada tanto ao horizonte intelectual russo do início do século XX quanto às exigências de sobrevivência intelectual sob o stalinismo.

---

43 Nepomuceno, 2020, p.17.

Se por um lado Bakhtin distancia-se do elitismo aristocrático de Nietzsche, por outro aproxima-se dele ao valorizar a corporalidade, a coletividade festiva e a crítica às formas rígidas da metafísica e da hierarquia social. Nesse sentido, o carnaval bakhtiniano pode ser lido como uma expressão popular e comunitária do dionisismo, traduzido em termos acessíveis à realidade cultural e histórica de seu tempo.

Assim, a investigação aqui proposta demonstra que as aproximações entre Nietzsche e Bakhtin não devem ser vistas como simples paralelismos temáticos, mas como um campo fértil de diálogo e de resignificação conceitual. A presença velada de Nietzsche na obra de Bakhtin amplia a compreensão do carnaval como categoria filosófica, estética e antropológica, ao mesmo tempo em que revela a vitalidade de um pensamento que, mesmo em meio à censura e às limitações ideológicas, soube dialogar com tradições intelectuais diversas.

Portanto, a convergência entre Nietzsche e Bakhtin, ainda que marcada por tensões, constitui um terreno promissor para estudos futuros, especialmente no campo da Teoria Literária, da Filosofia, da Antropologia e das Ciências da Religião, nos quais o riso, a corporalidade e a experiência comunitária continuam a se mostrar categorias centrais para a compreensão da cultura e da condição humana.

## Referências bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais*. 7. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec Editora, 2010a.

BRANDIST, Craig. Bakhtin, Cassirer and symbolic forms. *Radical Philosophy*, 85 (September/October), 1997. Disponível em: [https://www.radicalphilosophyarchive.com/issue-files/rp85\\_article2\\_bakhtincassirersymbolicforms\\_brandist.pdf](https://www.radicalphilosophyarchive.com/issue-files/rp85_article2_bakhtincassirersymbolicforms_brandist.pdf) >>

BRANDIST, Craig. Le marrisme et l'heritage de la Völkerpsychologie dans la linguistique soviétique. *Cahiers de l'ILSL*, no 20, 2005, p. 39-56. Disponível em <https://eprints.whiterose.ac.uk/1107/>

BRANDIST, Craig. Neo-Kantism in cultural theory: Bakhtin, Derrida and Foucault. *Radical Philosophy*, 102 (July/August), 2000. Disponível em: <https://www.radicalphilosophy.com/article/neo-kantianism-in-cultural-theory>

BRANDIST, Craig. *Repensando o Círculo de Bakhtin*. Trad. Helenice Gouvea e Rosemary H. Schettini. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

BURCKHARDT, Jacob. *A Cultura do Renascimento na Itália: Um ensaio*. Trad. Sérgio Tellalori. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHAMBERLAIN, Lesley. *Mãe Rússia: Uma história filosófica da Rússia*. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

CLARK, Katerina. Socialist Realism in Soviet Literature. In: CORNWELL, Neli [ed.] *The Routledge Companion to Russian Literature*. London/New York: Routledge, 2001, p.174-183.

CLARK, Catarina; HOLQUIST, Michael. *Mikhail Bakhtin*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

COPLESTON, Frederick. *Uma História da Filosofia: Filosofia russa, positivismo e existencialismo*. Campinas, Vide Editorial, 2024.

EAGLETON, Terry. *Materialismo*. Trad. Fernando Santos. São Paulo: Editora Unesp, 2023.

ELIADE, Mircea. *Mefistófeles e o Andrógino: Comportamentos religiosos e valores espirituais não europeus*; Col. Tópicos. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

EMERSON, Caryl. Coming to Terms with Bakhtin's Carnival: Ancient, Modern, Sub Specie Aeternitatis. Princeton University (s/d). << [https://repo.btu.kharkov.ua/bitstream/123456789/10979/1/Filosofia%20spilkuvannia%20filosofia%20psykholohiia%20sotsialna%20komunikatsiia\\_2014\\_7\\_16.pdf](https://repo.btu.kharkov.ua/bitstream/123456789/10979/1/Filosofia%20spilkuvannia%20filosofia%20psykholohiia%20sotsialna%20komunikatsiia_2014_7_16.pdf) >>

EMERSON, Caryl. Russian Orthodoxy and the Early Bakhtin. *Religion & Literature*. Religious Thought and Contemporary Critical Source. Vol. 22, n. 2/3. The University of Notre Dame,

Summer – Autumn, 1990, p.109-131. <<<https://www.jstor.org/stable/23926648>>>

KRISTEVA, Julia. *Introdução à Semanálise*. Estudos; 272. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LEITE, Francisco Benedito. O carnaval como mito. In: LEITE, Francisco Benedito; TELES, José Edilson [orgs.]. *Hermenêuticas do Mito*. Curitiba: Editora Prismas, 2018, p.13-34.

TELES, José Edilson. *Religião em A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, de Mikhail M. Bakhtin. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2024.

MAZOUR-MATUSEVICH, Yelena. Nietzsche influence on Bakhtin's Aesthetics of Grotesque Realism. *Comparative Literature and Culture*. 11. 2. West Lafayette: Purdue University Press, 2009. Disponível em: <https://docs.lib.purdue.edu/clcweb/vol11/iss2/7/>

MIELIETINSKI, Eleazar. *A Poética do Mito*. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MIKHÁILOVSKI, Nicolau Konstantinovitch. Dilemas sobre o progresso. – O que é progresso? In: FERNANDES, Rubem César [org.]. *Dilemas do Socialismo: A controvérsia entre Marx, Engels e os populistas russos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982, p.81-86.

MISCH, Georg. *A History of Autobiography in Antiquity*. Part I. London: Routledge, 2019.

MISCH, Georg. *A History of Autobiography in Antiquity*. Part II. London: Routledge, 1998.

NEPOMUCENO, Bruno. *Nietzsche e a Gargalhada Dionisíaca: Filosofia do riso e do cômico*. Ciências Sociais. Curitiba: Appris Editora, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: Um livro para todos e para ninguém*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Visão Dionisíaca do Mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PONZIO, Augusto. *Revolução Bakhtiniana*. Trad. Valdemir Miotello. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

POOLE, Brian. Bakhtin and Cassirer: The Philosophical Origin of Bakhtin's Carnival Messianism. *The South Atlantic Quarterly*, 97, 1998, p.537-579. Disponível: <https://www.proquest.com/openview/ca02408397246080bb0522bb7321bb20/1?q-origsite=gscholar&cbl=41440>.

STAM, Robert. *Bakhtin: Da teoria literária à cultura de massa*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo: Editora Ática, 1992.

WALL, Anthony. Ligações insuspeitas entre carnaval e dialogismo. *Revista Bakhtiniana*. São Paulo, v.1, n.3, p.9-28, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/bakhtiniana/article/view/3367/2237>.